

Entrevistas

**PROJETO CULTURA
REGIONAL/O CONGO
NA ESCOLA**



FÁBIO CARVALHO DE SOUZA



Foto: Bárbara Bueno

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Bacharel em Música – Composição Musical com Ênfase em Trilha Sonora para Cinema (Ufes)

Função atual

Músico, gestor social e fazedor de cultura e empreendedor social

Se não fosse a parceria com a Vale, o Projeto O Congo na Escola não teria o mesmo alcance. Essa parceria foi muito importante pra gente, para nos estruturarmos durante o Projeto, nos deu a oportunidade de oferecer outras modalidades e linguagens artísticas para as crianças além do Congo”

Fábio Carvalho de Souza



Fábio Carvalho com alunos do Projeto O Congo na Escola nos primeiros anos do Projeto Vale Música. Foto: Acervo pessoal

Quando o Vale Música entrou na sua vida e de que forma você ingressou no Projeto?

Eu não sei se o Vale Música entrou na minha vida ou se fui eu que entrei na vida do Vale Música. Porque entrei por meio de um projeto chamado O Congo na Escola, que tem 20 anos – a idade do Vale Música. Esse Projeto foi contemplado pela Lei Rubem Braga, da Prefeitura Municipal de Vitória. Um Projeto meu! Ele nasceu das conversas que eu tinha com o Mestre Antônio Rosa, lá da Serra. Ele foi meu mestre, foi o cara que ensinou a minha cultura do Congo, a minha identidade cultural. Eu tinha 18 anos e ele me ensinou a ser devoto de São Benedito e a entender que eu tinha uma identidade cultural chamada Congo. Ele queria uma pessoa para transmitir o seu conhecimento e acabou encontrando essa pessoa em mim. E aí ele

começou a me falar isso: “Os velhos estão morrendo e os jovens não querem participar da brincadeira”. E eu falava comigo mesmo: “Meu Deus, o que esse homem quer dizer com isso? O que ele quer falar pra mim?”

Eu o conheci de uma maneira muito inusitada: ganhei uma imagem de São Benedito de uma prima e ouvia o Congo no Espírito Santo por meio da Banda Amores da Lua, em Maruípe. Com 11 anos de idade, fui morar na Serra. Com 19, conheci a festa da Serra. Minha prima me falou: “Olha, Fabinho, esse é o santo protetor da Serra, o santo de devoção aqui dos negros”.

Eu fui nessa festa muito bacana e conheci esse homem. Ficamos amigos e ele começou a me falar isso. Num belo dia, caiu uma ficha na minha cabeça. E a partir do momento em que me apaixonei pelo Congo, sempre quis fazer algum trabalho e gravar discos fazendo coisas que exaltassem a manifestação, porque essa é a minha cultura. E aí identifiquei uma coisa muito maluca. Percebi que nunca tinha visto a minha cultura nas escolas. Estudei a cultura do mundo inteiro: a cultura de Minas Gerais com a congada, o samba, o maracatu, o axé da Bahia... mas não estudei o Congo. Então, comecei a entender as coisas e a estudar os folcloristas – eu nem gosto desse nome. Estudava desde Câmara Cascudo até Guilherme Santos Neves. Todos eles citavam que a grande maneira de se preservar uma cultura é levá-la para as crianças, para a escola. E decidi levar o Congo para as escolas por meio de um projeto na Lei Rubem Braga. Eu estava começando a minha história artística como fazedor de Cultura. O Sérgio Dias me ajudou a escrever esse Projeto.

O Mestre Antonio Rosa criou a primeira Associação das Bandas

de Congo do Espírito Santo, ele tinha uma fábrica de instrumentos de Congo... aí pensei em fazer um projeto chamado Congo na Escola. E ele disse: "É isso! Você entendeu o que eu quis dizer!" Ele era muito preocupado com a manutenção das bandas de congo do Espírito Santo, sabia que os mestres estavam morrendo, e manteve a produção da Serra viva, esteve à frente da festa da Serra por 50 anos, uma tradição que ele aprendeu com o pai, que, por sua vez, aprendeu com o avô dele. Era uma coisa que passava de geração para geração. Essa é uma festa feita pelos congueiros, que há 177 anos atrai de 30 a 40 mil pessoas. Ele era devoto de São Benedito e apaixonado pelo Congo, não queria nem saber se a banda dele estava bonita, ele queria era louvar São Benedito para fazer a festa do santo. A preocupação dele era preservar a Festa do Santo Preto e manter a tradição do Santo Preto, através da renovação.

Inscrevi o Projeto Congo na Escola na Lei Rubem Braga com a intenção inicial de levar a três escolas, levar os instrumentos, levar o mestre... Criei o Projeto em 1998, mas só o realizamos em 1999. Infelizmente, o Mestre Antônio Rosa morreu em 1999 e não chegou a ver a Banda de Congo nas escolas. Naquela época, eu estava em turnê com o Manimal, e o Projeto foi lançado em 1º de dezembro de 1999, Dia Mundial de Luta contra a Aids, na Escola de Teatro e Dança Fafi.

Antes de morrer, ele deixou uma banda de Congo, a última banda de Congo que ele tinha, e disse para sua esposa, Dona Lolinha, que essa banda era para os meninos do Fábio. E aí eu comecei esse Projeto, só que o Projeto inicial, previsto em pouco mais de R\$ 30.000,00, foi aprovado em apenas R\$ 10.000,00

ou R\$ 12.000,00. Com esse valor, só consegui realizá-lo em uma escola, e o valor recebido não me permitiu comprar instrumentos nem uniformes. Aí, eu fui na Vale e a Bernadete Angelo, da Comunicação da Vale, “pirou” com o projeto. Eles acharam maravilhoso, e o Manimal começando... e começou a onda do Congo.

A comunicação trocou esse bônus, eu tive que alugar os instrumentos todos os sábados, durante seis meses, e trouxe o mestre que conheci através do Antônio Rosa. Era o Mestre Zé Bento, que só gosta de trabalhar com crianças, a onda dele era essa. Fiz a oficina dele no Festival de Verão de Nova Almeida e a Alcione Dias foi a produtora do Projeto. Ela me ajudou muito porque, na verdade, eu era muito imaturo, muito cru. Existia um apoio da Vale, mas não era o Centro Cultural Caieiras, foi troca de bônus. Apresentamos, fizemos e encerramos o Projeto.

Ao levar a prestação de contas à Vale, a comunicação “pirou” com o Projeto e com o resultado. Então me apresentaram ao Frederico Moncorvo. Ele me recebeu e disse que iria iniciar um projeto com a Orquestra (Ofes). O Frederico se encantou com o Projeto do Congo. Os primeiros projetos do Vale Música começaram com a Orquestra e o Congo, nós começamos juntos e ficamos praticamente dez anos. Nos últimos três anos, vivemos uma época sensacional. E aí teve um momento que Vale virou Vale Música e a gente começou a planejar as ações com os outros estados: Belém (PA), Corumbá (MS)... A gente se juntava para planejar o Vale Música e conhecemos a Glória Caputo, uma maestrina extraordinária que coordenava o projeto no Pará. A gente rodou à beça, foi tocar em São Paulo e Minas Gerais, na primeira festa do Tambor Mineiro. Fomos para o Rio de Janeiro,

tocamos em eventos sociais, tocamos no Centro Cultural Judaico.

Em que ano o Centro Cultural Caieiras (Cecaes) passou a atuar junto com o Vale Música e por quanto tempo durou essa parceria?

Foi de 2000 até 2008. O Cecaes foi fundado por meio do Projeto Congo na Escola e existe há 20 anos, com atividades todos os sábados. Com o apoio da Vale ao Congo na Escola, isso foi nos possibilitando fazer outras coisas. O Congo é a porta de entrada do Projeto, depois vem o Circo e outras coisas. A criança chega pequena ali. A partir do apoio da Vale, a gente começou a dar aula de Artes Plásticas, oficinas de Audiovisual e de Leitura. Teve uma época que a gente dava reforço escolar. Através da parceria com a Unimed, a gente passou a ter plano de saúde. A Vale foi nos empoderando, capacitando e nos fazendo crescer. Foram dez anos. Falo que fiquei dez anos porque comecei a parceria com a Vale por meio do Congo na Escola, quando era um Projeto aprovado pela Lei Rubem Braga. Quando começou a parceria com a Fundação Vale, em 2000, havia dois projetos separados: Música Erudita e Música Popular. Foi uma iniciativa do Espírito Santo: o primeiro projeto de cultura popular da Vale foi o meu. As aulas aconteciam na Ilha das Caieiras, e o Projeto começou na escola Francisco Lacerda de Aguiar. Ficamos cinco anos nessa escola.

O grande barato é tirar esses jovens da comunidade onde eles vivem para conhecer outras coisas. Teve um ano, em 2001/2002,

em que a gente fez uma exposição na Casa Porto, durante um mês, com obras de arte produzidas pelos garotos. O Projeto chegou a ter em torno de 60 a 80 alunos por ano, era rotativo. Alguns dos primeiros garotos que participaram da formação da Banda de Congo Mirim da Ilha ainda estão lá. Eram estudantes da Rede Pública Municipal da Grande São Pedro. Para participar do Projeto, eles tinham que estar na escola e ter de seis anos para cima.

Você teve a oportunidade de criar algum grupo musical no do Projeto do Cecaes/Vale Música?

Sim, a Banda de Congo Mirim da Ilha, que gravou um disco com o apoio do Vale Música, o “Batuque Moleque”, lançado em março de 2004. Depois lançamos o “Batuque Moleque Volume 2”, em 2016. O grupo continua com outra formação, sempre com crianças e adolescentes.

Quais os momentos e apresentações mais marcantes que você vivenciou ao longo desses anos no Vale Música, como coordenador do Cecaes?

De apresentações relevantes, acho que a primeira viagem foi um marco. Infelizmente, não fui porque tinha um show com o Manimal. Mas a Alcione foi a Belo Horizonte, no Festival do Tambor Mineiro. A gente tocou para Yoko Ono, brother. Foi no MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), na exposição “Arte para Crianças”, inaugurada no Museu Vale, por meio do trabalho do Ronaldo Barbosa. Depois, a exposição seguiu para o Rio. A

Yoko veio ao Brasil e o Ronaldo Barbosa nos chamou para recebê-la. Aí tive uma ideia: demos uma lanterninha para cada um e, quando a Yoko chegou, todos estavam com as lanterninhas piscando, e falaram “I Love You” para ela. Ela enlouqueceu! Damos uma casaca para a Yoko e ela tocou o instrumento. Saiu em todos os jornais!

A viagem que fizemos para São Paulo também foi fantástica, quando fomos receber o prêmio “O Dia de Fazer a Diferença”, na Câmara do Comércio de São Paulo. Mas o Tambor Mineiro foi marcante. Fizemos o programa da Ana Maria Braga, gravamos uma vinheta do Fantástico para a Rede Globo e, no final do ano, tocamos a música da Globo em ritmo de Congo, que foi exibida no Vídeo Show. Fizemos muitos programas de TV, como O Melhor da Tarde, com a Astrid Fontenelle, na Band. Ela veio aqui no dia em que gravamos o CD do Manimal na Praça do Papa. Temos esse arquivo todo.

Tocamos no aniversário de Vitória com o Manimal, e as apresentações no Vitória Cine Vídeo com a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo eram maravilhosas. A Banda de Congo Mirim da Ilha ganhou vários prêmios de melhor trilha sonora em festivais nacionais de cinema. A Beatriz Lindenberg, do Instituto Marlin Azul, tem esse material.

Você se lembra de algum festival especificamente?

Lembro do Festival Guarnicê de Cinema, de São Luís (MA), e do Cine PE – informalmente conhecido como Cine Pernambuco

e Festival do Recife, onde ganhamos o prêmio de Melhor Trilha Sonora Original com a animação “Portinholas” (2004).

Qual a sua impressão da turnê pelo Japão?

Apenas três jovens da Banda de Congo Mirim da Ilha participaram da viagem ao Japão: Jandeson Valentim, Viviane Barreto da Silva e Deivid Barbosa. O Jandinho é um grande músico. O Deivid Barbosa é cavaquinista e toca em vários grupos de samba. Acho que Viviane virou educadora. Eram três jovens da banda de Congo Mirim e dez da Camerata. Era o projeto do Marcelo Bratke.

Eu fui nessa viagem, pois fazia os arranjos de percussão para eles tocarem as músicas do Villa-Lobos. Eu ensaiava com os meninos e, quando o Marcelo Bratke chegou aqui, só teve de fazer a adaptação junto com o piano. Eu era o responsável pelos meninos. Fizemos sete capitais, sendo duas vezes no Rio de Janeiro. Fizemos um concerto com a OSB, sob a regência do maestro alemão Kurt Masur, e outro concerto no Teatro Cecília Meireles. Essa foi uma apresentação do “Alma Brasileira”. E depois, tocamos no Auditório do Ibirapuera, onde foi gravado um DVD. Em cada lugar do Brasil onde a gente chegava, eu fazia um arranjo novo de uma peça, usando um instrumento regional e o ritmo regional do lugar. Em São Luís, eu inseri um pandeirão; em Carajás, colocamos a matraca. Fomos para Aracaju, Rio de Janeiro... em Belo Horizonte entraram as gungas e os catambones do Congado Mineiro, que eu já estudava aqui.

O projeto do Marcelo Bratke foi numa segunda etapa, num mo-

mento extra. Eles chegaram a tocar no programa do Jô Soares com o “Alma Brasileira”. Eu e o Tônico Cardoso viajamos muito juntos e a Andressa Fonseca (secretária do Vale Música) viajou algumas vezes também.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou em outras áreas profissionais? Pode citar nomes?

O Carlos Roberto (Dadinho) começou com o Congo, conheceu o teatro no projeto e depois se formou em Artes Cênicas pela Fafi. Ele foi aprovado na UNB, mas não começou as aulas ainda. O Wyucler fez Comunicação na Faesa. A Rayane, que trabalha com a gente, se formou em Administração. E a Ana Kécilly cursa Engenharia de Produção na Ufes.

De certa forma, pode-se afirmar que você se via nos alunos que estudavam música no Projeto? Que a experiência que eles estão vivenciando seria semelhante à sua história de vida?

Totalmente. A gente fala que usa a pedagogia do afeto e do carinho. Todo esse trabalho se deu na base do afeto e do carinho. Me enxergo muito neles. Às vezes, eu era incompreendido, porque o meu carinho com eles, o meu jeito de falar, de brigar, de dar bronca era tão maluco que parecia que eles eram a minha família, meus filhos. Eu os protejo. Não tive essa oportunidade quando eu era pequeno... de aprender a tocar, de ser apresen-

tado ao Congo na infância. O Congo é uma cultura. A arte é que é o incentivo para esses meninos. Eles tiveram vivência em escolas de arte, com teatro, cinema... Muitos garotos foram ao cinema pela primeira vez comigo, andaram pela primeira vez em escada rolante, em shopping. Com certeza, foi com a gente que viajaram pela primeira vez para outro estado. Estou falando de experiência de vida. Se eu me orgulho de alguma coisa que fiz na vida, foi desse projeto Congo na Escola.

Para finalizar, qual balanço você faz da parceria com a Vale durante o tempo em que o Cecaes atuou com o Vale Música?

Se não tivesse essa parceria com a Vale, o Projeto não teria o alcance que teve. Essa parceria foi muito importante pra gente, para nos estruturarmos durante o Projeto, e nos deu a oportunidade de oferecer outras modalidades e linguagens artísticas para as crianças além do Congo.

ALCIONE OLIVEIRA DIAS



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação acadêmica e profissional

Atriz profissional pelo Sated/RJ; Grau de Escolaridade Superior com especialização em Educação Comunitária

Função atual

Gestora do Cecaes e Presidente do Instituto Manguerê

A partir da vivência e convivência nas comunidades escolhidas para a realização do Projeto O Congo na Escola, com as trocas culturais acontecendo em mão dupla, fomos nos transformando em um projeto social. Nosso objetivo maior foi se definindo – o desenvolvimento socioeducativo dos participantes. O Projeto Vale Música – Cultura Regional absorveu nosso crescimento e propostas, oferecendo o aporte financeiro necessário”

Alcione Oliveira Dias

De que forma se iniciou a parceria entre o Centro Cultural Caieiras e o Projeto Vale Música, e que funções que você desenvolveu no Projeto ao longo desses anos?

A parceria tem início em 1999, com o embrião do que viria a ser o Centro Cultural Caieiras – o Projeto Congo na Escola –, idealizado pelo músico Fábio Carvalho e implementado e desenvolvido com a minha participação. O Projeto foi aprovado pela Lei Rubem Braga, e a então Companhia Vale do Rio Doce viabilizou sua realização com a troca dos bônus. O resultado foi o grupo musical “Congo Mirim da Ilha”. Para dar continuidade aos trabalhos e manter as atividades do Grupo recebendo aportes financeiros, foi necessário constituir a figura jurídica do Centro Cultural Caieiras – assim nasceu o Cecaes, em junho de 2000. A Fundação Vale manteve a parceria com o Projeto, a qual se estendeu até 2008, o que nos permitiu ampliar, gradativamente, nossas atividades, com a inclusão de Reforço Escolar, Acompanhamento Psicológico (individual e familiar), Congo (História e cantigas), Iniciação Musical e Vocal, Teoria Musical, Artes Cênicas (Teatro e Circo), Artes Plásticas, Literatura (estímulo à leitura) e Visitas Culturais (idas ao cinema, galerias de artes, mosteiro Zen, museus e teatros).

Durante toda a parceria, desenvolvi a função de Coordenação Geral do Projeto. Simultaneamente, em alguns períodos, fui também Instrutora de Artes Cênicas.

**O Cecaes já existia antes da parceria com o Vale Música?
Onde aconteciam as aulas?**

As aulas aconteciam, inicialmente, na Escola Francisco Lacerda de Aguiar, o Fla, em São Pedro I. Com a ampliação das atividades e dos novos equipamentos adquiridos, alugamos um espaço próprio e estabelecemos parceria com mais uma escola, a Eliane Rodrigues, na Ilha das Caieiras.

Qual o conteúdo ensinado às crianças e quantos alunos o Cecaes chegou a ter?

Os conteúdos programáticos eram elaborados de forma integrada com os instrutores; mantínhamos um processo de formação continuada, com a participação de todos. Assim, desenvolvemos, inspirados na educação não formal, um Manual de Unidade Metodológica, que estabelecia as diretrizes dos processos de aprendizagem das seguintes artes:

- Iniciação musical e vocal;
- Cultura Regional – Congo (história e canção);
- Teoria Musical (estudo da teoria musical e leitura de pauta);
- Artes Cênicas – Circo (malabarismos, palhaçaria, contorcionismo e acrobacias) Teatro (Dramatizações e montagem de esquetes);
- Artes Plásticas (iniciação às telas, mosaicos e pintura dos instrumentos);
- Literatura – Estímulo à leitura (Contação de histórias, troca de gibis e gincanas).

Por ano, eram inscritos, em média, 120 alunos, distribuídos nas diversas atividades.

Qual era o perfil dos alunos naquele momento (faixa etária, escolaridade, região)? Eram de quais municípios e como era feita a seleção?

Eram todos moradores da Região 7 de Vitória, constituída pelos bairros São Pedro, Ilha das Caieiras, Santo André, Comdusa, Santos Reis, Nova Palestina, São José, Conquista, Resistência e Redenção. São bairros com o histórico clássico das comunidades periféricas, incluindo seus percalços e estigmas sociais (baixa renda, ausência de equipamentos culturais e de saneamento básico). A faixa etária dos participantes variava entre oito e 18 anos, com as exigências de serem moradores da região e de estarem matriculados na rede pública de ensino.

Teve a oportunidade de participar da criação de algum grupo musical no Projeto?

Grupo Congo Mirim da Ilha e o Grupo de Percussão Manguerê.

Quais momentos e apresentações mais marcantes você vivenciou ao longo desses anos no Vale Música como coordenadora do Cecaes? Aconteceu alguma apresentação fora do estado ou no exterior que você gostaria de destacar?

No estado, destaco a recepção a comitivas internacionais (chinesa, inglesa, americana e austríaca) no Museu Vale e a execução de trilhas de filmes no Vitória Cine Video ("Mangue e tal", 2002, "Portinholas", 2003, "Zen ou não zen – eis a questão?", 2004, "Vitória pra mim", 2005, "Albertinho", 2006, "Ele – Noel

Rosa", 2007, e "Mestre Vitalino e nós no barro, 2008).

Em outros estados, destaco as apresentações em São Paulo (Câmara do Comércio "Archan", Terceiro Ciclo Multicultural Judaico-Brasileiro e Bienal de São Paulo), em Minas Gerais (2o Encontro do Tambor Mineiro) e no Rio de Janeiro (1a Mostra Brasil Juventude Transformando com Arte e Exposição Arte para Criança/recepção para Yoko Ono no Museu de Arte Moderna).

Foram também importantes as matérias em emissoras de TV, como Rede Bandeirantes (programas "Ol Brasil", "Pra Valer" e "O Melhor da Tarde"), Rede Globo (programas "Pequenas Empresas Grandes Negócios", "Mais Você" e "Jornal Hoje", na matéria "Amigos da Escola"), GloboNews e Canal Futura (no programa Anima Mundi).

Gostaria de salientar a relevância do Projeto Alma Brasileira.

Três jovens percussionistas, participantes do Projeto Vale Música/Cultura Regional, foram selecionados pelo pianista Marcelo Bratke para participar do Projeto Alma Brasileira, em homenagem aos 120 anos de Heitor Villa-Lobos. O Projeto propunha um diálogo entre elementos das culturas popular e erudita, estabelecido pelo próprio Villa-Lobos ao longo de seu rico processo criativo. Esses jovens tocaram nas principais capitais brasileiras, da Sala São Paulo (SP) ao Theatro da Paz (PA), da Sala Cecília Meireles (RJ) ao Auditório Ibirapuera (SP), bem como um megaconcerto na praia de Copacabana (RJ) para milhares de pessoas – na ocasião dividiram o palco com a Orquestra Sinfônica Brasileira e o maestro Kurt Masur. Em 2008, gravaram seu primeiro DVD durante apresentações no Auditório Ibirapuera.

puera, em São Paulo. Participaram também de dois concertos no Suntory, em Tóquio, no dia 6 de novembro de 2008, e o outro no Shirakawa Hall, em Nagoya, em 7 de novembro de 2008.

O Projeto recebeu alguns prêmios, como o de Melhor Trilha Sonora no 8º Cine Pernambuco, com o filme "Portinholas", o de Melhor Trilha Sonora com o filme "Zen ou não Zen, no Festival de Cinema do Recife e no Festival de Curitiba. Ganhou também uma menção honrosa da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, por atuação na defesa da cidadania e da vida, além do troféu "Dia de Fazer a Diferença" – Archan (SP).

O Projeto foi citado em algumas obras: "História de sucesso – experiências empreendedoras, publicado pelo Sebrae em 2004, e "Que arte é essa? – a arte como forma de Comunicação em comunidades", 2006, de Natalia Malze, Nina Cida e Sandra Martins.

Além disso, o grupo Congo Mirim da Ilha gravou dois CDs: "Batuque Muleque" e "Batuque Cívico", uma interpretação do Hino Nacional em ritmo de Congo, distribuído na rede estadual de ensino.

Você se lembra de algum aluno que começou a estudar música no Projeto e depois se destacou como músico profissional, na área acadêmica, popular ou erudita? E de alunos que tiveram suas vidas transformadas pelo Projeto, independentemente de terem seguido a carreira musical?

Alguns participantes cresceram dentro do Projeto e se mantêm como multiplicadores na instituição. Entre eles, podemos citar:

Deivid Barbosa – músico;

Jandeson Valentim Ferreira – músico;

Viviane Barreto da Silva – maestrina de congo/educadora social;

Abranches da Silva – percussionista/formada em administração;

Jansen Valentim Ferreira – roadie;

Rômulo Ramalhete – roadie;

Thayrone Costa dos Santos – artista circense e fotógrafo;

Luís Henrique Amorim – artista circense;

Gabriela Costa Vila Real – fisioterapeuta;

Carlos Roberto de Souza Junior (Dadinho) – ator profissional, atualmente cursando faculdade de Artes Cênicas;

Ana Kécilly Costa Vieira – Estudante de Engenharia de Produção da Ufes.

De que forma você acredita que o trabalho no Cecaes, em parceria com o Vale Música, influenciou positivamente na formação das crianças e jovens que participaram do Projeto?

O Cecaes nasceu sob a inspiração do Projeto Congo na Escola. Fábio Carvalho e eu, ambos apaixonados pela cultura de raiz, queríamos compartilhar e disseminar essa nossa identificação através do Projeto. A partir da vivência e convivência nas comunidades escolhidas para sua realização, com as tro-

cas culturais acontecendo em mão dupla, fomos nos transformando em um projeto social. Crescemos juntos: gestores, colaboradores e participantes, com todos os percalços, alegrias e dores de um processo dessa natureza. Nosso objetivo maior foi se definindo – o desenvolvimento socioeducativo dos participantes. O Projeto Vale Música – Cultura Regional absorveu nosso crescimento e propostas, oferecendo o aporte financeiro necessário.

Para o nosso público-alvo (crianças e adolescentes), em plena construção de identidades, tenho a certeza de que o contato com um diversificado mundo de informações e vivências proporcionado pelo Projeto foi fundamental para ampliar suas habilidades e capacidades cognitivas, bem como o desenvolvimento do senso de pertencimento familiar e comunitário, influenciando positivamente nas suas formações e escolhas.

WYUCLER DA SILVA RODRIGUES

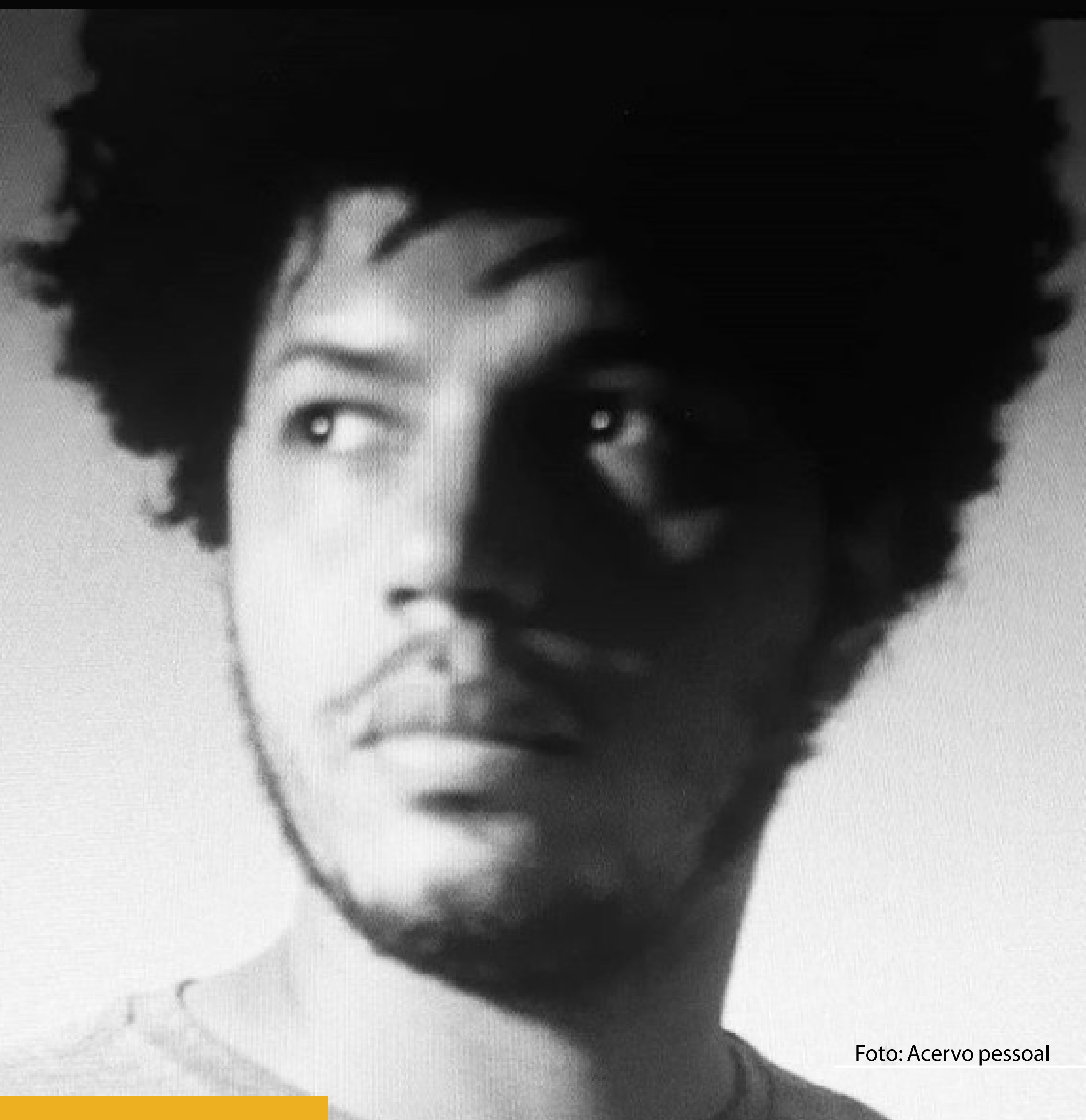


Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Cursando Publicidade e Propaganda na Faesa

Função atual

Produtor Audiovisual na Prefeitura de Cariacica

Acredito que o repertório de vivências que tive me formou e me capacitou a fazer escolhas melhores. Cresci vendo primos e amigos se envolvendo com a criminalidade, uns morrendo e outros se degradando. Pude ver e experimentar o que esses parentes e amigos que se perderam não puderam ver. Isso orientou minhas escolhas, não por ser melhor ou mais bonzinho, mas por ter tido a oportunidade de desenvolver outras camadas de percepção na hora de escolher os meus sims e os meus nãoos”

Wyucler da Silva Rodrigues



Wyucler acredita que sua escolha pelo curso de Publicidade e Propaganda tenha ligação direta com as vivências que teve nos anos de formação escolar no Centro Cultural Caieiras. Foto: Victoria Dessaune

Como e quando o Centro Cultural Caieiras (Cecaes) e o Projeto Vale Música entraram na sua vida? Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Uma amiga da minha mãe, que na época era uma parceira do Cecaes, falou sobre o Projeto e que seria bom me matricular com o meu irmão. Isso aconteceu em 2001. Eu tinha 8 anos e estava no segundo ano do ensino fundamental.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e interesse pela cultura popular?

O que me levou a participar do Projeto, inicialmente, foi a preocupação da minha mãe em manter eu e meu irmão distantes de más influências, pois vivíamos num lugar cercado pelo tráfico. Lembro do esforço dela em colocar na nossa cabeça que o que víamos era errado e que não era futuro pra gente. Acredito que nem ela sabia o que era o congo ou que isso era a nossa cultura, mas lembro dela dizendo que ia colocar a gente num projeto na escola. Até então, nunca havia tido contato com nenhum instrumento; a primeira vez que toquei algo foi quando peguei numa casaca.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música e a se aprofundar nos estudos do congo?

Eu morava em São Pedro 4, um dos bairros que compõem a Grande São Pedro e com o maior índice de violência e tráfico de drogas na época. A minha mãe sempre incentivou muito a mim e ao meu irmão a participarmos e a nos envolvermos nas atividades do Projeto, ela se orgulhava bastante disso.

O que o estudo musical representou para uma criança como você naquele momento?

Representou muita coisa, independentemente de hoje não atuar diretamente como músico. Ter esse contato na infância

e adolescência foi importante. Hoje sinto que minhas referências musicais e meu envolvimento com outras áreas no mundo da música vieram dessa experiência.

Quanto tempo você permaneceu no Projeto e qual função desenvolveu na Banda de Congo Mirim da Ilha?

Eu tocava casaca. Não me lembro bem quando foi que me desliguei da banda em si, até porque sempre estive envolvido em outras atividades no Cecaes. Os anos foram passando, mas nunca me senti desligado da banda.

Quais as principais apresentações e os momentos mais marcantes que você vivenciou dentro do Projeto Vale Música? Chegou a participar de alguma apresentação fora do Espírito Santo ou no exterior?

O momento mais marcante, sem dúvida alguma, foi minha primeira viagem. Eu era pequeno e tímido, estávamos em Belo Horizonte num encontro com o congado mineiro e fiquei muito impactado com a voz de Maurício Tizumba e a atmosfera daquelas centenas de tambores de Minas tocando juntos. Não me lembro, acho que fazia dois ou três anos que estava na banda de congo, mas, naquele dia, foi o momento em que me senti parte, em que, de fato, me conectei com algo, e tocar o nosso congo capixaba no meio do congado mineiro foi incrível.

Qual o curso profissional você fez após sair do Vale Música e por que optou por essa carreira?

As vivências que tive no Cecaes me levaram a conhecer outros horizontes, e acredito que optar pelo curso de Publicidade e Propaganda tenha ligação direta com tudo o que vi nos meus anos de formação escolar. Ainda não consegui terminar a faculdade, por problemas pessoais, mas nunca tive dificuldade em desenvolver atividades na área de comunicação e de estar envolvido no meio cultural. Hoje, trabalho com produção audiovisual na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Cariacica, realizo a produção técnica do Sorvetinho FM, um programa de rádio sobre música capixaba na Rádio Universitária, e assino a produção audiovisual do Formemus, uma importante conferência de música e mercado do Espírito Santo.

O que a participação no Cecaes/ Vale Música representou para sua vida e para sua escolha profissional?

Os anos que passei no Cecaes, pra mim, foram fundamentais em relação a fazer escolhas. Acredito que o repertório de vivências que tive me formou e me capacitou a fazer escolhas melhores. Cresci vendo primos e amigos se envolvendo com a criminalidade, uns morrendo e outros se degradando. Não levanto a crença de que a função desses projetos seja a de salvar vidas; não acredito que projeto salve vida, mas vi, por experiência própria e próxima, como é importante ver outros horizontes e realidades. Pude ver e experimentar o que esses parentes

e amigos que se perderam não puderam ver. Isso orientou minhas escolhas, não por ser melhor ou mais bonzinho, mas por ter tido a oportunidade de ter desenvolvido outras camadas de percepção na hora de escolher os meus sins e os meus nãoos.

Você acredita que a longevidade do Projeto Vale Música é uma prova de que é possível as empresas manterem iniciativas que colaboram para a transformação da vida de crianças e jovens?

Eu tenho as minhas questões sobre as reais intenções da iniciativa privada como um todo e também não acredito nas intenções do Estado, que, aliás, se mostra presente nas comunidades exclusivamente como força repressora por meio das PMs. Mas acredito que a iniciativa deva vir de todos os setores da sociedade. O Projeto Vale Música é uma iniciativa muito importante e os resultados estão aí. Conheço muita gente que teve a vida mudada, pessoas que contam histórias parecidas com a minha, é uma formula que dá certo e acredito que deva continuar.

CARLOS ROBERTO DE SOUZA JUNIOR



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Ator

Função atual

Auxiliar administrativo

Foi através da música que eu pude encontrar uma forma melhor de ver a vida, levando em consideração que nasci em uma comunidade que é, e era naquele tempo, infelizmente, um dos bairros mais perigosos e de alto índice de violência e tráfico. Perdi muitos amigos e colegas próximos para o tráfico, mas nunca perdi meu foco. Através da música, tive oportunidades de poder enxergar uma vida mais colorida do que as cinzas que nos rodeavam naquele tempo”

Carlos Roberto de Souza Junior

Como e quando o Cecaes e o Projeto Vale Música entraram na sua vida? Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Aos meus sete anos de idade, em 1999, ao voltar de um bar para a minha casa, com balas e quiosque, ouvia um som diferente que vinha da Escola Francisco Lacerda de Aguiar, que ficava na rua onde moro, na Ilha das Caieiras, em Vitória (ES), uma cantiga que eu não conhecia – e que, claro, atualmente conheço, era a “Madalena” da versão de Martinho da Vila sendo tocada por outras crianças em instrumentos que eu nunca tinha visto ou ouvido falar, casaca e tambor. O som me atraiu e, desde esse dia, comecei a participar do Projeto Congo na Escola – Vale Música, realizado pelo Cecaes.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e interesse pela cultura popular?

A princípio, foi a curiosidade. Como era algo novo, um som diferente que eu não tinha ouvido antes, isso me chamou atenção. Como eu era um menino muito curioso, comecei a participar do Projeto. Antes desse momento, nunca havia tido uma vivência sequer com música em geral, principalmente interesse pela cultura popular, algo que era desconhecido para mim na época, já que, no pouco que sei, não havia na comunidade e na escola uma propagação sobre o que era o folclore, a música, o teatro e outros meios culturais.

Onde você morava na época? A sua família o incentivou a estudar música e a se aprofundar nos estudos do congo?

Sempre fui morador da Ilha das Caieiras, em Vitória (ES), e, na época, havia muito incentivo da minha família para eu continuar a frequentar o Projeto. Pode-se dizer que a família teria um momento livre do filho e o filho teria um momento de entretenimento e aprendizado (risos). No entanto, hoje identifico que, pelo fato de o congo ser algo novo, diferente e inovador para a população daquele tempo, os pais e familiares viam o Projeto como uma oportunidade de conhecer uma cultura a que eles não tiveram acesso quando novos, e esse era mais um motivo para apoiar seus filhos.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Fez uma diferença gigantesca! Foi através da música que eu pude encontrar uma forma melhor de ver a vida, levando em consideração que nasci em uma comunidade que é, e era naquele tempo, infelizmente, um dos bairros mais perigosos e de alto índice de violência e tráfico. Perdi muitos amigos e colegas próximos para o tráfico, mas nunca perdi meu foco. Através da música, tive oportunidades de poder enxergar uma vida mais colorida do que as cinzas que nos rodeavam naquele tempo.

Quanto tempo você permaneceu no Projeto? Quais instrumentos aprendeu a tocar?

Há 21 anos faço parte das atividades do Cecaes e fiquei por 11 anos (até os meus 18) no Projeto Congo na Escola. No Congo, passei por quase todos os instrumentos. Aprendi primeiro o tambor, após a casaca, depois, triângulo, chocalho, bumbo e as cantigas.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de apresentações fora do Espírito Santo ou no exterior?

Graças ao Projeto, tive muitas experiências incríveis, passeios e apresentações em eventos de vários locais, no estado e fora do Espírito Santo. Me recordo que uma vez fomos fazer uma apresentação para a Yoko Ono, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro (RJ); se não me engano, foi em 2007. Lembro também das apresentações e das trilhas sonoras que fazíamos com o Vale Música para as animações do Instituto Marlin Azul. Tenho um carinho maior pela animação “Mestre Vitalino e Nós no Barro”, para a qual fiz a letra da música em homenagem ao artista.

De que forma o Vale Música e o Cecaes influenciaram a sua decisão para se tornar ator profissional? Pode-se afirmar que esse Projeto transformou a sua vida?

Sim! Posso afirmar, com toda a certeza, que transformou minha vida! Foi através do mundo musical proporcionado pelo Projeto que pude conhecer as demais artes: a segunda foi o cinema; participei de oficinas de Produção Audiovisual, e a partir daí, tive o primeiro olhar para a arte de interpretar. Tive a honra de atuar em um documentário da cineasta capixaba Virgínia Jorge, “No Princípio, era o Verbo”, porém, por detrás das câmeras; até que no próprio Cecaes fui apresentado ao teatro. Se não fosse a oportunidade de participar do Congo, acho que não criaria coragem ou até não teria interesse em ampliar o meu conhecimento artístico.

Fale um pouco sobre sua carreira de ator. Onde costuma se apresentar? Em qual montagem?

Minha experiência como ator se inicia através de uma oficina de Teatro oferecida pelo Cecaes e prossegue por vários anos em oficinas subsequentes. Participei de várias montagens de esquetes para apresentações na Mostra Cultural feita pelo Projeto para a Comunidade, dentre os quais resultaram “De Médico e Louco Todos Temos um Pouco”, “A Freira”, “Do Lixão para as Passarelas” etc. Até que resolvi me aprimorar mais no teatro, fazendo uma oficina de Teatro Avançado na Fafi, em 2015. A partir dessa oficina, um amigo me indicou o curso técnico em Teatro para formação profissional como ator na Fafi. Em 2016, participei do processo seletivo, fui aprovado e, em 2018, me formei como ator profissional.

No decorrer do curso, participei de diversas montagens resultantes das aulas de Exercício Cênico dos módulos do técnico, como as adaptações das obras “Senhora dos Afogados”, de Nelson Rodrigues, adaptada para “Senhora, Afogai”, “Gota D’Água”, de Paulo Pontes e Chico Buarque, encenada como “Gosta D’Água” e “De como lhe foi Extirpado o Sofrimento ao Senhor Mockimpott”, de Peter Weiss, encenada como “Misere-re, Mokimpó”. Participei de apresentações ao público no Teatro Municipal, em Viana, no Centro Cultural Eliziário Rangel, na Serra, no Theatro Carlos Gomes e no Teatro Sesc-Glória, em Vitória. Atualmente, faço alguns eventos quando convidado, mas, por enquanto, sem nenhuma participação em uma nova montagem teatral.

ANA KÉCILLY COSTA VIEIRA



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Graduanda em Engenharia de Produção

Função atual

Estudante

A música e a cultura capixaba me proporcionaram oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal que me fizeram enxergar para além da realidade que eu vivia. O projeto sempre me incentivou a buscar conhecimento, meus direitos e, principalmente, o meu lugar de pertencimento na sociedade”

Ana Kécilly Costa Vieira

Como e quando o Centro Cultural Caieiras (Cecaes) e o Projeto Vale Música entraram na sua vida? Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Eu tinha 7 anos de idade e estava cursando a 1ª série do ensino fundamental na escola onde o Projeto acontecia. E aí, durante uma apresentação para os alunos, eu conheci o Congo. O ano era 2007.

O que a levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e interesse pela cultura popular?

Além de ter visto a apresentação do Projeto na escola, o Fábio (Fábio Carvalho), diretor do Projeto, era conhecido da minha família e foi até a minha casa me convidar para participar dos encontros. Alguns dos meus primos já participavam do projeto e vários amigos da escola também se interessaram em participar, então, tive bastante motivação. Antes do Projeto, eu nunca tinha estudado música, mas tinha bastante contato com a cultura popular da região. Vim de uma família de pescadores e marisqueiros, minha avó e minhas tias são desfiadeiras de siri.

Onde você morava na época? Sua família a incentivou a estudar música e a se aprofundar nos estudos do Congo?

Eu morava e ainda moro na Ilha das Caieiras, bairro que faz parte da região da Grande São Pedro, em Vitória. Minha família sempre me deu total apoio e incentivo para continuar me

desenvolvendo na música e, principalmente, no Congo. Sempre que podiam, eles estavam presentes nas apresentações da banda.

O que o estudo musical representou para uma criança como você naquele momento?

O Congo surgiu na minha vida no início de uma transição muito importante. Eu tinha acabado de sair do ensino infantil e iniciado o ensino fundamental, logo, tendo responsabilidades estudantis de verdade. Estudar música foi mais uma responsabilidade adquirida naquele momento, mas uma responsabilidade muito mais divertida do que as da escola. A música ajudou a tornar essa transição mais leve e animada para mim. E ajuda até hoje.

Quanto tempo você permaneceu no Projeto? Desenvolveu alguma outra função além de aluna?

Participo do Projeto até hoje. Já são 13 anos. Não desenvolvi nenhuma outra função formalmente, mas já comande a banda de Congo algumas vezes e também ajudo com os novos integrantes e com algumas tarefas, como o lanche.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música? Chegou a participar de concertos fora do Espírito Santo ou no exterior?

Não cheguei a participar de apresentações fora do estado, mas participei de apresentações em muitas cidades capixabas. A apresentação mais especial, pra mim, foi a minha primeira participação no Festival Vitória Cine Vídeo. Não me recordo a edição, mas me lembro que, no final do filme de que participamos, tocava a música “Fita Amarela”, de Noel Rosa. A Banda de Congo, com uma orquestra, reproduziu essa música em ritmo de congo e ficou lindo! A parte mais emocionante da apresentação foi ver o meu nome nos créditos do filme, foi uma sensação de orgulho inexplicável.

Qual instrumento você toca na Banda de Congo Mirim da Ilha das Caieiras?

A minha paixão é a Casaca e foi o meu primeiro instrumento na Banda de Congo, mas também sei tocar tambor.

De que forma o Vale Música e o Cecaes influenciaram a sua escolha profissional? Pode-se afirmar que esse Projeto transformou sua vida?

Na periferia, as oportunidades são muito limitadas. A música e a cultura capixaba me proporcionaram oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal que me fizeram enxergar para além da realidade que eu vivia. O projeto sempre me incentivou a buscar conhecimento, meus direitos e, principalmente, meu lugar de pertencimento na sociedade. Além disso, foi lá que eu conheci a minha cultura, e saber so-

bre a minha cultura é saber sobre quem eu sou. Sem dúvidas, o Projeto mudou a minha vida! Não segui carreira musical. Atualmente, eu faço o curso de Engenharia de Produção, na Universidade Federal do Espírito Santo, e o Projeto tem muita participação nessa conquista.

JANDESON VALENTIM FERREIRA

entrevista

Formação musical e acadêmica

Baterista, ex-percussionista e professor da
Banda de Congo Mirim da Ilha

Função atual

Motoboy

Tivemos muitas apresentações importantes no Projeto. A mais top de todas, para mim, foi a viagem ao Japão! É uma coisa que vou levar para o resto da vida! Já viajamos para várias capitais e tocamos em alguns dos principais teatros do mundo”

Jandeson Valentim Ferreira

Como e quando o Cecaes e o Projeto Vale Música entraram na sua vida? Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

Comecei a participar do Projeto quando ainda estava na creche. Entrei através do meu irmão, que já estudava na escola. Ele chegou em casa e me falou sobre o Projeto. Fui com ele ao primeiro ensaio, há 20 anos! Eu tinha 8 anos quando comecei a participar.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e interesse pela cultura popular?

Eu já gostava de música, mas, até então, não tinha nenhum contato. Por incrível que pareça, já cheguei ao ensaio me destacando, já sabendo as batidas do congo, e passei a conhecer a cultura através do Projeto.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música e a se aprofundar nos estudos do congo?

Sempre morei no bairro São Pedro. Desde que eu era pequeno, minha família, minha mãe e meu pai sempre me incentivaram a participar do Projeto. Eles sempre acompanhavam a gente em algumas apresentações importantes.

O que o estudo musical representou para você naquele momento?

O estudo só me deu mais oportunidades de ser o que sou hoje! Representou muito na minha vida e fez com que eu não mudasse minha mentalidade, pois talvez hoje eu poderia não estar participando do Projeto, poderia estar fazendo outras coisas fora da música.

Quanto tempo você permaneceu no Projeto? Desenvolveu alguma outra função além de aluno?

Permaneço no Projeto até hoje, mas um pouco afastado, pelo fato de ter arrumado emprego, crescido e ter minha vida pessoal. Já fui professor e passei muito tempo me dedicando à criançada, passando para eles o que aprendi.

Quais as principais apresentações de que você se lembra no Projeto Vale Música?

Tivemos muitas apresentações importantes no projeto. A mais top de todas, para mim, foi a viagem ao Japão! É uma coisa que vou levar para o resto da vida! Já viajamos para várias capitais e tocamos em alguns dos principais teatros do mundo.

De que forma o Vale Música e o Cecaes influenciaram a sua decisão por se tornar músico profissional? Pode-se afirmar que esse projeto transformou sua vida?

Foi no Cecaes que me encontrei de verdade com a música. Foi ali que comecei a entender, aprendi muita coisa. Hoje, sou

músico, toco profissionalmente e já passei por várias bandas aqui do estado. Faço parte de um grupo de pagode chamado Samba Júnior, uma referência no Espírito Santo! Hoje me sinto realizado por ter me tornado músico através do Cecaes e de ter mudado a minha vida!

Fale um pouco sobre sua carreira musical atualmente. Com quem você costuma se apresentar? Já participou da gravação de algum disco?

Hoje sou baterista de um grupo de pagode chamado Samba Júnior. Temos músicas autorais, gravadas por mim na bateria. Acabamos de lançar um EP, "Sonhando Acordado", e tocamos nas principais casas de shows de Vitória e no sul do estado.

DEIVID BARBOSA RODRIGUES



Foto: Acervo pessoal

entrevista

Formação musical e acadêmica

Curso de Teoria Musical pelo Projeto Cecaes (Centro Cultural Caieiras)

Função atual

Músico

Acredito que só quem é músico sabe o quanto a música representa na nossa vida. Meses antes de participar do Projeto, tive meu primeiro contato com a música e posso dizer que foi amor à primeira vista. A música veio pra mudar meu destino. Garoto, filho de família humilde e morando em uma região onde as coisas são difíceis”

Deivid Barbosa Rodrigues

Como e quando o Cecaes e o Projeto Vale Música entraram na sua vida? Em que ano e com que idade você ingressou no Projeto?

O projeto Cecaes – Vale Música entrou na minha vida em 2004, por meio de um amigo chamado Jandeson, um dos integrantes do Cecaes, e a convite do amigo e também músico Fábio Carvalho, para mim o melhor gestor cultural do Espírito Santo. Eu tinha 14 anos de idade.

O que o levou a participar do Projeto? Você já tinha conhecimento musical e interesse pela cultura popular?

O que me levou a participar do Projeto foi esse amigo. Eu já tinha tido o primeiro contato com a música e a cultura popular.

Onde você morava na época? Sua família o incentivou a estudar música e a se aprofundar nos estudos do congo?

Eu morava no mesmo bairro em que moro hoje, a Ilha das Caieiras, na Grande São Pedro, onde até hoje funciona o projeto Cecaes. Minha família sempre me incentivou, principalmente o meu pai, que também é músico.

O que o estudo musical representou para uma criança/adolescente como você naquele momento?

Acredito que só quem é músico sabe o quanto a música re-

presenta na nossa vida. Meses antes de participar do Projeto, tive meu primeiro contato com a música e posso dizer que foi amor à primeira vista. A música veio pra mudar meu destino. Garoto, filho de família humilde e morando em uma região onde as coisas são difíceis.

Quanto tempo você permaneceu no Projeto? Quais instrumentos você tocou na Banda de Congo Mirim da Ilha?

Toquei tambor, casaca, cuíca e caixa, entre outros instrumentos. Não posso afirmar o tempo que fiquei na Banda porque até hoje a gente tem contato. Até o ano passado a gente ensaiava, e estou sempre apoiando o Projeto. A gente nunca sai.

Como foi a experiência de viajar ao Japão e por outros estados do Brasil com o Projeto Alma Brasileira? Você gostaria de citar outras apresentações e momentos marcantes que vivenciou com o Vale Música?

Foi uma experiência incrível conhecer a cultura de uma das maiores potências mundiais, conhecer o exterior e fazer um show lá é uma coisa marcante. As viagens no Brasil também foram, sem dúvida, uma aula inesquecível. Saber que estamos tão perto de coisas tão diferentes, tantas culturas e tanta musicalidade.

De que forma o Vale Música e o Cecaes influenciaram a sua decisão de se tornar músico profissional? Pode-se afirmar que esse Projeto transformou a sua vida?

Sim, com toda certeza, o Projeto mudou a minha vida. Além de trazer o conhecimento musical e cultural, também me formou como um cidadão de bem, um ser humano melhor. O Cecaes não é pra formar músicos, e sim pra formar cidadãos e transformar a vida das pessoas.

Fale um pouco sobre sua carreira musical atualmente. Com quem você costuma se apresentar? Já participou da gravação de algum disco?

Hoje toco profissionalmente em uma banda de pagode que tem um cantor em carreira solo, o @cantorsue, e continuo a minha rotina musical, viajando, ensaiando e trabalhando como músico.